



*CARTA AOS EDITORES/LETTER TO THE EDITORS*

## **Como usar a nostalgia em teu benefício: 10 anos de Jornadas Portuguesas de Paleopatologia**

## **How to use nostalgia for your benefit: 10 years of Portuguese Conference on Paleopathology**

Francisco Curate<sup>a</sup>, Sandra Assis<sup>b,c</sup>, Cristina Cruz<sup>d</sup>, Inês Leandro<sup>a</sup>, Célia Lopes<sup>b,e</sup>, Carina Marques<sup>b,f</sup>, Vítor Matos<sup>a\*</sup>, Inês Oliveira-Santos<sup>g</sup>, Filipa Cortesão Silva<sup>b</sup>

<sup>a</sup> Universidade de Coimbra, CIAS – Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Departamento de Ciências da Vida, Portugal

<sup>b</sup> Universidade de Coimbra, CIAS – Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Portugal

<sup>c</sup> CRIA – Centro em Rede de Investigação em Antropologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

<sup>d</sup> Departamento de Ciências Humanas e Sociais, Escola Superior de Educação de Lisboa, Portugal

<sup>e</sup> Laboratório de Antropologia Biológica da Universidade de Évora, Departamento de Biologia, Escola de Ciências e Tecnologia, Universidade de Évora, Portugal

<sup>f</sup> Department of Anthropology, Drew University, Madison, NJ, USA

<sup>g</sup> Centre for Functional Ecology – Science for People & the Planet, Department of Life Sciences, University of Coimbra, Portugal.

\*Autor correspondente/Corresponding author: [vmatos@uc.pt](mailto:vmatos@uc.pt)

*Carta recebida a 9 de Abril de 2019*

*"The past is never dead. It's not even past."*

*(William Faulkner, Requiem for a nun)*

**N**o princípio era o Verbo: «O Centro de Investigação em Antropologia e Saúde – CIAS – em parceria com o Grupo de Estudos em Evolução Humana – GEEvH – e o Departamento de Ciências da Vida/Antropologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, convidam todos os interessados a participar nas I Jornadas Portuguesas de Paleopatologia, que decorrerão a 6 de junho de 2008».

Parece simples, mas este momento fixado no tempo – 6 de junho de 2008 – só foi possível através de uma conjugação de fatores conjunturais e estruturais que, vista à distância, parece irrepetível. Éramos então mais jovens, mais ingénuos, e mais otimistas. Felizmente, continuamos tão voluntariosos como dantes e, se é que isso é possível, estimamos ainda mais a disciplina que se encontra na origem das Jornadas, a paleopatologia, e a ideia de que é possível realizar um evento científico em que se podem unir, em doses similares, a comunicação de ciência com qualidade, o *networking* e a promoção de investigadores mais jovens.

O conceito original alicerçou-se sobretudo na divulgação dos trabalhos feitos por estudantes e investigadores em início de carreira (para detalhes e estatísticas veja-se Santos e Gomes, publicado neste volume) e, embora ao longo dos anos tenha havido um (muito bem-vindo) incremento no número de trabalhos produzidos por docentes e investigadores mais experientes (recordamos que nós mesmos estamos mais velhos!), o foco sempre esteve no dealbar das carreiras científicas em paleopatologia.

As vantagens parecem óbvias – e nós, antes de todos, delas beneficiámos: a possibilidade de apresentar a uma audiência interessada e conhecedora os trabalhos realizados, ainda que introdutórios, a tradução de dúvidas e desencantamentos em longas conversas pós-prandiais, a consecução e ampliação de projetos e ideias apresentados em versão preliminar.

Como é óbvio, nada seria possível sem as contribuições institucionais e pessoais que não faltaram durante seis edições. E, se por uma questão de espaço e memória, não nos é possível referir todas e todos aqueles que nos auxiliaram de forma desinteressada ao longo dos anos (lembrem-se que “a ausência de evidência não é evidência de ausência” e nós sabemos quem vocês são), fá-lo-emos em relação a algumas instituições que nos acolheram e ajudaram desde o início: o Centro de Investigação em Antropologia e Saúde (CIAS), o Grupo de Estudos em Evolução Humana (GEEvH), o Departamento de Antropologia e, depois de 2009, o Departamento Ciências da Vida (DCV - UC), e a Universidade de Coimbra. O apoio institucional tomou diversas formas e, sem ele, as Jornadas Portuguesas de Paleopatologia nunca teriam sido possíveis.

Às pessoas (sobretudo ao Mário Peneda, anterior integrante da comissão organizadora, e aos elementos das comissões científicas que, ao longo das seis edições das Jornadas, contribuíram para aprimorar a qualidade dos trabalhos apresentados) e às instituições que nos apoiaram muito devemos a qualidade das Jornadas. Os equívocos que sem dúvida aconteceram foram, porém, responsabilidade nossa. Teríamos realizado algumas coisas de forma diferente, outras nem sequer as

faríamos. É fácil julgar o passado com a vantagem do tempo. Apesar de todos os esforços, não conseguimos ainda internacionalizar verdadeiramente o encontro. E essa talvez seja a nossa maior mágoa.

As Jornadas Portuguesas de Paleopatologia tiveram a sua primeira edição em 2008 e, dez anos depois, impõe-se esta espécie de revisitação dos seus múltiplos percursos pessoais e institucionais, e da sua relevância para a comunidade científica e para a comunicação da ciência – entre a nostalgia celebratória e a avaliação crítica. As narrativas nostálgicas tornaram-se um elemento fulcral da experiência contemporânea, e podem reforçar sentimentos de identidade e pertença a uma comunidade em tempos adversos. Não obstante, podem prender-nos a um tempo – a um passado – que nunca existiu. Devemos olhar para trás, ou encarar o futuro? Não sabemos, até porque o passado é o nosso trabalho. Uma coisa é certa: «teremos sempre as Jornadas». Da próxima vez, em [Évora](#). Encontramo-nos lá.

\*\*\*

In the beginning was the Word: «The Research Centre for Anthropology and Health - CIAS - in partnership with the Group of Studies in Human Evolution - GEEvH - and the Department of Life Sciences / Anthropology of the Faculty of Sciences and Technology of the University of Coimbra, invite all those interested to participate in the 1<sup>st</sup> Portuguese Conference on Paleopathology, which will take place on June 6<sup>th</sup>, 2008 ».

It appears straightforward but this moment fixed in time - June 6, 2008 - was only possible through a combination of conjunctural and structural factors that, seen from a distance, seems unrepeatable. We were younger, naiver, and more optimistic. Fortunately, we remain as industrious as before and we appreciate even more the discipline that is at the origin of the conference, paleopathology, and the idea that it is possible to hold a scientific event that can combine, in comparable amounts, science communication with quality, networking and the promotion of younger researchers.

The original concept was mainly substantiated on the dissemination of works accomplished by students and researchers at the beginning of their careers (for details and statistics see Santos and Gomes, published in this volume) and, although over the years there has been a (very welcome) increase in the number of communications produced by more experienced researchers (bear in mind that we are now older!), the focus has always been on early-stage scientific careers in paleopathology.

The advantages seem obvious – and we, first of all, have benefited from them: the possibility of presenting finished or ongoing research to an interested and knowledgeable audience, the translation of doubts and disenchantments into long post-prandial conversations, the fulfilment and expansion of projects and ideas presented as preliminary versions.

Evidently, nothing would be possible without the institutional and personal contributions that were offered during six

editions. It is not possible to mention all those who have aided us in a disinterested way over the years (remember that “the absence of evidence is not evidence of absence” and we know who you are), but we will refer some institutions that have welcomed and helped us since the beginning: the Research Centre for Anthropology and Health (CIAS), the Group of Studies in Human Evolution (GEEvH), the Department of Anthropology and, after 2009, the Department of Life Sciences (DCV - UC), and the University of Coimbra. Institutional support took different configurations, and, without it, the Portuguese Conference on Paleopathology would never have been possible.

We owe the quality of the Conference to the individuals (especially Mário Peneda, former member of the organizing committee, and the members of the scientific commissions who, throughout the six editions of the Conference, improved the quality of the works presented) and to the institutions that supported us. The mistakes that undoubtedly ensued were, however, our responsibility. We would have done some things differently; and we would not have executed others at all. It is easy to judge the past with the advantage of hindsight. Despite all efforts, we have not yet

managed to truly internationalize the meeting. And that is perhaps our biggest sorrow.

The Portuguese Conference on Paleopathology had its first edition in 2008 and, ten years later, this kind of reassessment is imperative. The multiple personal and institutional paths of the conference, its relevance for the scientific community and for the communication of science, are revisited – linking celebratory nostalgia and critical evaluation. Nostalgic narratives have become a central element of contemporary experience and can reinforce feelings of identity and belonging to a community in adverse times. Nevertheless, they can entrap us in a time – a bygone past – that never existed. Should we look back, or face the future? We do not know, because the past is our job. One thing is certain: «we will always have the Conference». Next time, in [Évora](#). See you there.

### **Bibliografia/References**

Santos, AL.; Gomes, R. 2020. Os dez primeiros anos de Jornadas Portuguesas de Paleopatologia: síntese e balanço. Cadernos do GEEvH 8 (1):